

# Terceira Margem

---

DOSSIÊ

**POETRY SLAM:**

**PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO**

**PARTE 2**

MARGEM CULTURAL

POEMAS DE SLAMMERS BRASILEIRAS  
(ORDEM ALFABÉTICA)

# BIANCA DOS SANTOS<sup>i</sup> | CACHEADA

CEARÁ

**Querida Geilda,**

Faz muitos anos que eu não te escrevo, e também fazem muitos anos que eu falo de você em todos os lugares que eu vou.

Você sempre foi o meu parâmetro, pra tudo que já construí e produzi em terra, das mulheres que conheci sempre a mais virtuosa e sincera!

Sempre foi crítica e cirúrgica em todas as suas colocações, me lembro bem de quando eu chegava da escola e te falava que tinha escrito algo novo, na aula de sociologia, e de novo você me ouvia.

Enquanto fazia o almoço, no meio de todo aquele alvoroço, você parava esperava eu recitar, ouvia atenta, sempre muito "interada" e inteira, você nunca foi metade quando se tratava de mim.

Me dava altos toques sobre pontuação, e sempre se permitia ser tocada pelo que eu escrevia, e ela não perdoava nenhum erro de ortografia, pois ela já entendia que a tolerância de erros pra mim, não existia!

O nosso tempo juntas no dia a dia sempre foi correria, chegava da escola e em menos de 2 horas pra Grendene cê ia, você é o meu maior exemplo de mulher correria.

Pode ficar sossegada porquê aqui dentro eu lembro de tudo, recordo quando cê chegava baqueada do SESI meio dia de bike, correndo atrás dos seus estudos.

E você correu tanto né? Correu de tanta coisa, correu da fome quando era só uma menina, correu da topique pra casa, assim que ela chegava na esquina.

Correu de amores rasos, quando percebia que merecia muito mais do que tava sendo te ofertado.

Me ensinou ser uma mulher boa, a sempre conversar olhando no olho da outra pessoa.

Me apresentou a humanidade e humildade na prática, nunca me julgou quando eu disse que era apaixonada por teatro e depois slam ao invés de matemática.

Foi a primeira que botou corda dizia pra eu não estagnar, botar as idéias louca em ação, mesmo você nunca ter podido ir a nenhuma apresentação.

Senta aqui minha filha, recita aí de novo pra mãe, pra eu vê como fica, era minha pré produção mesmo sem saber o que isso significa.

Estar de corpo presente você não podia, mas engraçado que em qualquer lugar que eu tivesse, eu conseguia sentir tua energia.

A espiritualidade dando tapa na cara e falando baixinho no ouvido, que ancestralidade não é só sobre morte, mas também sobre quem ainda está vivo!

---

<sup>i</sup> Olá! Sou **Bianca dos Santos**, tenho 23 anos em terra, mas sinto que tenho muitos mais em espírito! Sou capricorniana do primeiro dia, 22 de dezembro, e desde criança sempre fui apaixonada pela escrita, ou pelo menos por tudo que rimasse, ou que fizesse eu refletir sobre minha existência no mundo! Estudo Ciências Sociais, trabalho com prevenção de violências no meu município e também sou escritora e poeista marginal, idealizei junto com uma pancada de mulheres massas o Slam das Cumadis, o primeiro poetry Slam feminino do município de Sobral e do estado do Ceará, e também sou amante da arte corporal chamada de tatuagem, ofício que meu companheiro leva pra vida! **E-mail:** biagomess597@gmail.com

# CAROL BRAGA<sup>i</sup>

## PERNAMBUCO

### despejo<sup>1</sup>

ATENÇÃO, ATENÇÃO

estou aqui diretamente de coimbra, portugal  
para marcar no calendário o nosso despejo  
um padre, um advogado, um grupo de idosos e uns herdeiros  
assinaram um acordo:  
lugar de mulher é do lado de fora da minha casa  
lugar de imigrante é do lado de fora de portugal  
é dito:  
do lado de fora vocês também não podem ficar

coisa que se *despeja*  
aquilo que se deita fora, dejetos, imundície, lixo  
ato de evacuar

qual tipo de identidade uma imigrante pode criar?

uma cidadania que não é permitida ser  
num sentido que ainda não é

estar entre

agora mesmo estou sem margens  
muito estrangeira para voltar pra casa,  
mestiça demais para estar aqui  
nunca o bastante para nem cá nem aí  
na beira da ponte dos não-lugares  
onde ninguém fica  
é só parte do caminho  
nunca num lado nem no outro

é tão ruim assim não pertencer?  
no final, a gente cria essa ilusão globalizada

---

<sup>1</sup> “despejo” foi performado na Final Nacional do 7º Festival Nacional Portugal.SLAM! 2021, na cidade de Coimbra. O poema está publicado no livro *minha raiva com uma poesia que só piora* (Urutau, 2021) e traduzido para o inglês e o francês na fanzine *Imigrante* (Chuvisco Editora, 2022).

de que não pertencemos,  
porque não temos terra  
quem não tem terra para morar,  
não é fértil

mas temos pátrias, dialetos, línguas e raízes

minha língua virou ruína  
antes deu nascer  
minhas raízes criaram asas  
minhas músicas, minhas danças,  
minhas comidas,  
minhas avós  
não me abraçam mais

hoje não vou gritar  
desesperadamente “em português”

u i v o o o o o o o o

porque  
a língua portuguesa não é  
o suficiente  
para expressar  
o que eu quero  
BERRAR  
porque  
se eu me animalizar  
talvez apareça uma ong de proteção de animais  
para nos auxiliar

enquanto  
ouço meu sotaque  
me espanto  
com a falta de canto  
transplanto  
as vogais abertas  
e o excesso da pluralidade certa  
boto uns artigo nos nome  
e chego cada vez mais perto da língua paterna  
que alterna a minha civilidade  
da minha bestialidade subalterna

tomar consciência  
da nossa parte bestial  
é ter a decência

de admitir a real  
vivência humana  
mundana, urbana  
de ser vista como animal

nego a civilização  
imposta pela cana  
renego a emoção  
paternal e insana  
da miscigenação boa  
da mestiça que perdoa  
ser vista como desumana

olha com a atenção  
que tu mira minha nudez  
sinhô não é irmão  
e eu não repito pra burguês  
vê se não me gonga  
que pra mim é uma honra  
não ser uma de *vocês*.

---

<sup>i</sup> **carol braga** é poeta nascida e criada no Recife, Pernambuco, Brasil. Performa poesia falada, acrobacia aérea circense e teatro. Campeã do 7º Festival Nacional Portugal.SLAM! 2021 - primeira e única mulher a ganhar o nacional português - representou o país na Coupe du Monde de Poetry Slam 2022, em Paris, na França. Seu primeiro livro "minha raiva com uma poesia que só piora" (Urutau, 2021) é obra semifinalista do Prêmio Oceanos 2022. Também é autora da fanzine "Imigrante" (Chuvisco editora, 2022) e coautora do livro de poesia erótica "Insulto a Decência" (Hecatombe, 2022). Tem textos publicados em diversas antologias e revistas no Brasil e em Portugal. É coautora da dramaturgia do espetáculo "Luanda-Recife" (2022), inspirado no seu poema "minhas antepassadas" e encenado no Festival de Teatro e Artes Performativas Mimesis, em Portugal. Cofundadora do Slam das Minas Coimbra, o primeiro coletivo de batalha de poesia falada só de mulheres em Portugal, organizou diversos eventos de poesia falada e poetry slam em Portugal. É historiadora pela UFPE, mestre em História Social pela UFF e doutoranda em Ciências Sociais na UBA, na Argentina. Atualmente, vive no Recife, onde é educadora popular e militante pelo direito à habitação e à terra. **E-mail:** caroltbraga@gmail.com

# CAROL DALL FARRA<sup>i</sup>

RIO DE JANEIRO

## *mulheres como eu*

mulheres como eu  
não esperam nada no fim da noite  
a não ser o descanso pra ser novamente no outro dia

mulheres como eu  
já tiveram o desprazer de estar presente  
quando a mãe era socada por um homem ou pela vida

mulheres como eu  
desanimam no auto mapeamento por entenderem o próprio corpo como convite ao perigo

mulheres como eu  
deixaram a fome envergonhada por se dizer tão importante

mulheres como eu  
viram o pai indo embora  
a esperança indo embora  
seus irmãos indo embora  
a saúde indo embora  
a cabeça indo embora  
e ficaram sobre o vazio

são mulheres como eu  
que passam por sua vida  
te indicando o caminho  
sem alguém que as faça o mesmo

são mulheres como eu  
com suas dores questionadas

fornecendo colo no escuro  
pois não aguentam a maldade  
que é ver sofrer porque já sofrem  
o que ninguém pode alcançar

mulheres como eu  
que viram tudo o que podiam  
antes de serem adultas  
e acordaram com o destino  
já que não havia nada mais que pudesse surpreender

mulheres como eu

que sabem quase tudo  
e continuam servindo  
como se não soubessem nada

---

<sup>i</sup> **Carol Dall Farra** é poeta, rapper, slammer e graduanda em Geografia pela UFRJ. Estrelou o curta Mc Jess pelo qual recebeu o prêmio de melhor atuação do festival Mix Brasil o maior festival LGBTQI+ da América Latina. Foi uma das poetas convidadas para realizar a primeira batalha de slam no Rock in Rio em 2019. Seu poema “Na ponta do abismo” foi publicado no livro “Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta. **E-mail:** mcdallfarra@gmail.com



## CRISTINA SANTOS<sup>i</sup> | MEDUSA

ACRE

### *Voltando da escola*

Quando eu vi eu tava jogada  
No meio da cama, os meus pés estavam sujos de lama  
E algo me dizia que meu corpo havia sido tocado

Os meus pulsos estavam doendo  
E do lado direito da cam, vi cordas e comecei a me perguntar o que fazer com elas...

Eu procurei minhas roupas da mesma forma que eu procurei quem as tirou

E adivinha?  
É, eu não achei.

E desde os 5 anos eles insistem em achar  
Eu era achar que eu era uma criança sonâmbula que tirava suas roupas enquanto dormia

A gente crescer e os sentimentos mudam  
Parece que quanto mais a gente cresce mais os sentimentos aparecem

Quando eu vi eu tava em cima de um prédio me perguntando: será que eu me mato ou se me permito  
Ser morta mais uma noite por aquele maldito homem?

Todas as noites eu morria  
E no outro dia de manhã, ainda me forçavam à fingir simpatia.

Eu tava lavando a louça  
E ele me agarrou por trás, tapou minha boca e disse: NÃO GRITA

Ele sentia prazer nos meus gritos de desespero, no choro que entalou, na garganta que doeu

A minha garganta doía...  
E nem foi por causa dos meus gritos.

As ruas sempre foram mais

Escuras que eu e aos 12 anos eu nem andava com canivete na cintura  
mas ninguém nunca me pegou na carreira

"Regula a mochila,  
desce no ponto e corre!"  
Corre, corre, corre como se não ouvesse amanhã  
Porque se eu não corresse como se não houvesse amanhã  
Você pode ter certeza que, o amanhã, eu não teria

Em uma das noites, voltando pra casa eu percebi que o perigo não tava só nas ruas

Ele tava também dentro do busão, mesmo lotado de gente  
Eu fui descer no ponto e senti, profundo  
alguém em mim passou a mão e foi profundo!

Dai eu cai, as minhas pernas ficaram bambas  
O meu corpo ficou sem força e eu cai com tudo no chão.

Ainda me lembro bem, como se fosse ontem...

Com voz de maldade, ele me perguntou: "tá tudo bem moça?"

Moça... Eu nem era moça, eu era só uma criança de 12 anos voltando da escola  
Naquela noite, levaram o meu celular e como se não bastasse...

Levaram minha inocência junto!

---

<sup>i</sup> **Cristina Santos**, mais conhecida como **Medusa**, tem 18 anos, é nortista, nascida e criada na capital do Estado do Acre é poeta da literatura marginal, escritora, slammer, coordenadora do Slam das Minas AC e integrante do coletivo artístico de poesia "Poetas Vivos". Trabalha na organização/realização da Central de Slam do Acre. Carrega consigo alguns títulos de 1º lugar nos campeonatos de poesia falada do seu estado, além da paixão pela literatura e poesia. Recentemente, Medusa lançou seu último zine autoral após ganhar o campeonato Estadual de poesia, assim, representando o Acre no Slam BR 2022. **E-mail:** cristinasantosx8@gmail.com

# MEIMEI BASTOS<sup>i</sup>

DISTRITO FEDERAL

## TEIMOSIA

quando me perguntaram o que era ser  
busquei no que não sou pra dizer  
que  
fui criança morena  
sem cor  
sou mulher mulata  
sem raça.

Invadem terras  
saqueia ouro e prata  
marcam corpos  
vão as coroas  
e fica a sabedoria  
feita com raça  
não se desfaz no sangue derramado.

força pulsante nos seios das mães  
grito aos meus:  
resistência  
pela existência!

de um passado glorioso ocultado,  
me diziam que se fosse presente,  
pela cor herdada,  
me restaria a dor  
e eu não pude crer.

ainda que aos meus olhos  
fossem apresentados  
cicatrizes e  
aos meus ouvidos insultos,  
ainda que de mim fosse feito  
o próprio preconceito,  
não era eu.

mesmo que a mim fique imposto  
o nada  
que me obriguem a ser  
ser sem direitos,  
sou calo em mãos e pés  
resistentes,

a teimosia nas universidades  
excludentes,  
o compromisso da continuidade  
da luta de um povo.

sou a resistência ao não!

---

<sup>i</sup> **Meimei Bastos** é escritora, professora, produtora cultural, coordenadora do Campeonato de Poesia Falada do DF e Entorno e da Slam Q'brada, editora e colunista. É graduada em Artes Cênicas e mestranda em Culturas e Saberes, pela Universidade de Brasília. Atua em diversos movimentos sociais, promove saraus, slams, oficinas, debates, cineclubes e rodas de conversa, especialmente direcionados à população negra e periférica. Publicou seu primeiro livro, “Um verso e mei”, pela Editora Malê, em 2017. O livro está em diversas escolas públicas do DF e do MS, como obra selecionada pelo projeto Mulheres Inspiradoras. Meimei também foi premiada pela Secretaria de Estado e Cultura do Distrito Federal, em 2018, com o prêmio de Cultura e Cidadania e, em 2020, com o prêmio Aldir Blanc, na categoria Literatura. Em 2022, publicou seu segundo livro, A menina que bebeu água do chocalho, pela editora Avá. Como autora e poeta participou de eventos literários como a Festa Literária de Paraty - Flip, Feria Internacional del Libro de Venezuela - FILVEN, FLUP - Festa Literária das Periferias, Bienal do Livro e da Literatura de Brasília - BBLL e ministrou oficinas de escrita criativa e oralidade no Brasil e no exterior. Atualmente, a autora está como editora da revista literária Ruído Manifesto, colunista do Jornal Brasil de Fato DF e na coordenação o ponto de cultura CARACAS, véi. **E-mail:** ameimeibastos@gmail.com

# MEL DUARTE<sup>i</sup>

## SÃO PAULO

### Fagulha

Do peso que sinto não minto, me falha a caneta, falta inspiração  
das dores que tenho receio, é só o começo, outras virão  
extinguindo todo afeto  
impondo seus decretos  
exaurindo nossos meios  
e o que era implícito assisto, descaradamente, tomar proporção

São novos tempos, novas fórmulas  
novos vírus, novas cláusulas  
velhos golpes, velhas castas  
e o mesmo esforço de quem tá disposto a tomar uma pátria pra si, moldando-a seu  
gosto, falacioso, não cala, não pára, não dá um descanso,  
so segue o roteiro, fica ligeiro  
nada muda no status quo  
mesmo enredo, mesmo intuito:  
genocídio do povo preto

Cuidado! Eu aviso  
profissão perigo: preta poeta de raro instinto  
e meu intuito ainda que bruto,  
é extrair o minério mais puro do seu manual de linguagem  
pq palavra é pedra preciosa tem que garimpar  
e ao encontrar a fonte que me escondem  
Pego tudo que puder, não devolvo nada!

Minha fala, descolonizada  
por todas Dandaras abortadas  
por cada mãe preta desolada  
por vidas interdidas

BASTA!

Classistas, parasitas  
em meio a uma pandemia, esperando a Disney reabrir  
sem falar da nova onda antirracista que se movimenta pelo que acontece na gringa  
mas no Brasil fingi que não vê

Ainda querem meu intelecto, mas não pagam por ele!

Bem-vinda a nova era da ilusão colaborativa mascarada de parceria

Ahhh! No meu swing “ceis” não ginga!  
Já comeu da minha comida, secou minhas bebidas  
roubou a minha brisa, não planta ainda quer colher?

Joguei meu corpo nesse insano mundo,  
bolei planos futuros porque acredito na revolução  
pressinto anciãs retintas que estão comigo,  
cautelosamente traçadas nas palmas de minhas mãos  
entenda, minha voz é incendiária e ainda vou alastrá-la que nem brasa  
do mais, poesia é abrigo, estratégia contra o inimigo, fagulha que chama explosão!

*Mel Duarte*

*Livro Colmeia- Poemas reunidos (Ed.Phillos 2021)*

---

<sup>i</sup> **Mel Duarte** é uma comunicadora com propósito, revolucionária do cotidiano que acredita nas palavras como ferramenta de transformação social. A escritora, poeta e slammer paulistana com mais de uma década de carreira possui cinco livros publicados de poesia, sendo o mais recente “Colmeia- poemas reunidos” (2021 Ed. Philos) e dois infantis (Itaú leia para uma criança). Em 2016, Mel foi destaque no sarau de abertura da FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) e foi a primeira mulher a vencer o Rio Poetry Slam (campeonato internacional de poesia falada). Em 2017, foi convidada a representar a literatura brasileira no Festilab Taag, em Luanda (Angola), e em 2019 lançou o disco de poesia falada “Mormaço- Entre outras formas de calor”. Durante quatro anos integrou a coletiva Slam das Minas SP. Em 2021, foi uma das finalistas do prêmio “Inspiradoras” do Instituto Avon e Universa Uol. **E-mail:** contato.melduarte@gmail.com

# PIETA POETA<sup>i</sup>

## MINAS GERAIS

Custou terra, muita  
Custou água pra caramba  
Custou semente,  
Custou sol.  
Custou botão,  
Custou flor,  
Custou abelhas,  
Custou tempo e tudo mais  
Pra crescer o caralho de uma fruta  
Presse povo entupir de veneno.

Custou muda  
Custou fibra  
Custou raiz até chegar no fundo  
Pra crescer uma árvore  
Pro sujeito derrubar  
Pra fazer papel higiênico.

Custou horas no sol no campo de algodão  
Espinho ferrando a mão  
Pra fazer um caralho de uma blusa  
Pra ser desprezada por não ser de marca.

Custou pra Deusa toda uma equipe de design  
Pra desenhar a embalagem mais inteligente e prática pra mexerica  
Pra venderem ela descascada num pote plástico no Walmart.

Anos de evolução pra fazer um elefante  
Pra gente matar pra fazer piano. Pra gente matar pra fazer piano.

A gente pega a verdura, põe num plástico,  
Ela murcha, a gente joga fora dentro de outro plástico  
Fica lá em estado estático  
Até alguém no lixão achar e comer com gosto.

A gente caga na água  
Limpa e tratada todo dia.  
A gente joga no mar o esgoto

Depois quer dar oferenda pra lemanjá.  
A gente fez ilhas de lixo no mar  
Onde a natureza fez ÁGUA  
A gente fez ILHA Só pra exibir a morte que a gente cria.

Mas que lindo os vídeos da gente salvando tartaruga de rede de pesca  
E comendo carne.  
Comprando ecolápis Faber Castel  
E não separa o lixo  
Criando o dia da água  
E nas cidades não se trata o lixo  
Seu filhinho vem da escola todo ano com a carinha pintada pro dia do índio.  
E a gente enfiando minério na porra do rio .

Um Plástico, dentro de outro plástico, dentro de outro plástico pra proteger outra  
parada de plástico, 500 tipos diferentes de plástico,  
Custou gazilhões de dinossauros  
Pra gente SE MATAR pra chupar o petróleo da terra  
Pra fazer sacola, brinquedo, garrafa, para choque, computador, talher, canudinho,  
carrinho, panfleto, caneta, pote, pinto de borracha,

A gente fez um monte de linha imaginária  
Na merda de uma ROCHA girando no espaço, cheia d'água  
Resolveu matar quem cruzava,  
Chamou de fronteira  
Começou invadir o do outro  
Matar o outro por uma terra que era bem comum de todos  
Tudo nessa merda era nosso  
E a gente resolveu que precisava muito trocar tudo por COISA NOVA PRA JOGAR NO  
LIXO.

Ce ta maluco meu filho?  
Custou nossa morte tudo isso.  
E oces xingando vegano no Instagram  
E oces deixando pra começar amanhã  
Oces botando fogo no mato  
Fogo no rabo  
Fogo  
No próprio pulmão  
E oces jogando pilha velha na descarga  
Afinal não pega nada, eu que pago a pilha e a água  
Então sobe na montanha e vê se lá tem leitor de boleto  
Pra efetuar o pagamento

Do que você roubou de você.



Burricé é destruir a própria casa.  
Burricé é desmatar a própria mãe  
Eu não tô falando grego, tô?  
Então me conta  
Qual o sentido  
De fazer um monumento monolítico  
Construir um bagulho bombástico  
Sugar os dinossauro da terra  
Pra fazer dinossauro de plástico?

---

<sup>i</sup> **Pieta Poeta** é transmasculino, autista, professor, músico, artista plástico e escritor de Belo Horizonte, campeão mundial de poesia falada. Ator e dramaturgo, é membro da Cia 5só de teatro, pioneira no conceito de teatro poético-marginal. Filho só de mãe, nascido no dia mais frio do inverno de um ano qualquer na década de 90, no primeiro decanato do signo de virgem. Tem dois livros e duas antologias publicados pela editora Venas Abiertas, um livro infanto-juvenil pela editora Terê, 22 Zines de produção independente, atua em 4 cenas curtas, e um espetáculo autoral até o momento, mas mira o infinito e além. Publicações: “Lua nos pés”- 2018; “Você ainda quer gritar comigo?” - 2020; “TRANSforma” - 2023. Além da antologia “À luta, à voz!- Coletivo sarau de periferia” - 2018. **E-mail:** [pieta.poeta@gmail.com](mailto:pieta.poeta@gmail.com)

**REJANE BARCELOS<sup>i</sup> | RAINHA DO VERSO**

RIO DE JANEIRO

Mesmo que ninguém te regue  
Mesmo que o tempo feche  
E te dê deixe presa em si mesma  
Mesmo que o barco afunde  
E o desespero seu peito inunde  
E os problemas tire a sua paz  
Nunca se esqueça que você é preta  
E que tem um panteão ancestral em sua companhia  
Gotas salgadas transborda pelos olhos porque o atlântico mora dentro do seu  
peito  
Seu castelo é de pedra  
Por isso tantas em seu caminho mas ele não desaba  
e em suas veias pétalas vermelha correm  
Com mel e flores e dançam e dançam ao sabor do fluxo do rio da vida  
Enquanto matriarcas te cerca e protege de todo mal  
Você é preta  
Seu corpo é fechado  
Sua melanina te guarda  
O sagrado te zela  
Sua cabeça é teu guia  
E quanto te quebrantares  
Seus iguais te reúnem  
Você não nesta só  
Nenhum de nós está só  
E enquanto neste mundo ainda houver  
Uma cabeça preta  
Um Black algodoado perfumando a passagem  
Com sorriso largo  
Força de espírito gingado  
Nos pés e punho cerrado  
Sua luta jamais será vã  
Nos momentos difíceis  
Se derrame seu cair não é vexame e ao seu momento há uma legião  
Pra te amparar  
Quando uma preta cai  
Toda pele negra se une pra levantar pois  
Somos todos um só  
Mesmo que se pereça  
Mesmo que não pareça  
Preta, você jamais estará sozinha

---

<sup>i</sup> **Rejane Barcelos** é também conhecida como Rainha do verso. Estudante de Letras pela UFRJ, Rejane é atriz com 28 anos de carreira, cenógrafa e adrecista formada pela FAETEC. EAT, performer, escritora, poeta e slammer. Participou de uma antologia e alguns zines. Atualmente organiza o Slam Maré Cheia e foi do coletivo Slam das Minas RJ. É moradora da Maré e na favela retira os elementos da construção de sua obra. **E-mail:** janeagatona@hotmail.com

# TAMI PRESTES | SORA POETA<sup>i</sup>

RIO GRANDE DO SUL

## Discurso mertocrático pra cima de mim?<sup>1</sup>

Eu queria rimar felicidade

Mas aqui na quebrada eu abro a Janela e só vejo desumanidade

Acordo com barulho de tiro de fuzil

É impossível escrever sobre aquilo que aqui no Morro ninguém nunca viu

Minha coroa limpou muito chão

e meu velho levantou várias construção

Pra me manter na faculdade

Filho de pobre é assim,

Pra subir na vida é com muita dificuldade

Só penso na molecada que não têm oportunidade

---

<sup>1</sup> Livro *200 poetas e poéticas* (Ed. Expressividade, 2021).

Racionais mc disse com toda propriedade

"Ser empresário não dá, estudar nem pensar

Tem que tramar ou ripar

Pros irmãos sustentar

Ser criminoso aqui é bem mais prático, rápido, sádico

Ou simplesmente esquema tático"

Por que os moleque vai atravessar beco cheio de esgoto pra ser estudante,

Se o mais fácil é ficar no morro ganhando dinheiro sendo negociante?

Quem vem com papo de meritocracia

não sabe as batalhas que o pobre enfrenta pra concluir um curso na academia

Só quem mora na comunidade, sabe o que é passar no meio do tiroteio depois da aula na universidade

Subir o morro na fé

"Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, porque tu estás comigo"

Não saber se teme o bandido

Ou o policial

Isso foi real!

Discurso meritocrático pra cima de mim?

que no dia de entregar trabalho de conclusão,

desci o morro no meio da confusão,

com as 2 mão na cabeça

Pra não me arrastarem por 250 metros no camburão

Hoje parece que foi fácil né?

Mas olha quanta coisa eu passei

pra terminar uma corrida que eu comecei

com 300 anos de atraso

Tudo por conta do descaso

Do Estado

Antes de discutir comigo, sai

Dessa bolha que te favorece

Porque onde vivo

eu vejo criança que ninguém protege

Eu vejo miséria em todo canto

Onde eu moro a morte já não causa espanto

Eu queria rimar alegria

Mas aqui na quebrada eu vejo todo dia

Bala perdida achando criança preta

Abro a janela e vejo os muleque com a mão no fuzil

É impossível escrever sobre aquilo que aqui no Morro ninguém nunca viu

*Tami Prestes*

---

<sup>i</sup> **Tami Prestes, Sora Poeta.** Mulher preta periférica, mãe, professora, poeta slammer, pesquisadora, agitadora cultural e criadora do Poetry Slam Pucrs, primeiro Slam em universidade do Rio Grande do Sul. Mestranda em Teoria Literária pela PUCRS. **E-mail:** [tami\\_p\\_m@hotmail.com](mailto:tami_p_m@hotmail.com)